

MARIO BENEDETTI  
**A BORRA DO CAFÉ**

MARIO BENEDETTI  
**A BORRA DO CAFÉ**

romance

Tradução do castelhano (Uruguai)

Isabel Pettermann



cavalo de ferro

Livro apoiado pelo *Programme supporting the translation of Uruguayan literary works*

Título original: La Borra del Cafe

© FUNDACIÓN MARIO BENEDETTI

c/o Schavelzon Graham Agencia Literaria

[www.schavelzongraham.com](http://www.schavelzongraham.com)

© Cavalo de Ferro, 2016, para a presente edição

Revisão: Cláudia Chaves de Almeida

Paginação: Finepaper, Lda.

ISBN: 978-989-623-220-7

1.ª edição, Abril de 2016

Todos os direitos para a publicação em língua portuguesa (Portugal) reservados por:

© Cavalo de Ferro, marca propriedade de Theoria, Lda.

Rua das Amoreiras, 72 A

1250-024 Lisboa

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer processo sem a prévia autorização e por escrito do editor, com exceção de excertos breves usados para apresentação e crítica.

Quando não encontrar algum livro da Cavalo de Ferro nas livrarias, sugerimos que visite o nosso *site*: [www.cavalodeferro.com](http://www.cavalodeferro.com)

*Aos meus tradutores, que tiveram a paciência e a arte  
de reconstruir a fala e os silêncios dos meus montevidéanos  
em mais de vinte línguas.*

«Para onde vão o nevoeiro, a borra do café,  
os almanaques de outros tempos?»

JULIO CORTÁZAR

«Nada é mentira. Basta um pouco de fé  
e tudo é real.»

LOUIS JOUVET

(em *Entrada de Artistas*)

«[...] estamos livres como crianças,  
iminentes para o duradouro.»

MILTON SCHINCA



## AS MUDANÇAS

A minha família estava sempre a mudar de casa. Pelo menos, desde que me lembro. No entanto, quero esclarecer que as mudanças não se deviam a despejos por falta de pagamento mas sim a outros motivos, talvez mais absurdos e menos embaraçosos. Confesso que para mim essa azáfama cíclica de abrir e fechar caixotes, baús, caixas grandes e malas era uma diversão. Tudo voltava a ser arrumado nos armários, nas estantes, nos guarda-fatos, nas gavetas, embora grande parte das coisas (nem sempre as mesmas) ficassem nas arcas e nos baús. A casa nova (nunca éramos proprietários, éramos inquilinos) adquiria em poucos dias o aspecto de morada quase definitiva, ou pelo menos de alojamento estável, e creio que os meus pais acreditavam sinceramente nisso, mas antes que se passasse um ano a minha mãe e/ou o meu pai, nunca os dois ao mesmo tempo, começavam a semear comentários (primeiro subtis mas depois cada vez mais explícitos) que no fundo eram propostas de uma nova mudança. Geralmente, as razões invocadas pelo meu pai eram a falta de sol, a humidade nas paredes, os corredores muito estreitos, a agitação da rua, os vizinhos que eram intriguistas, etc. As razões invocadas pela minha mãe eram mais variadas, mas normalmente a lista continha motivos como excesso de sol, ambiente seco, espaços exteriores demasiado amplos, falta de comunicação dos vizinhos, ruas sem movimento, etc. Por outro lado, o meu pai gostava da tranquilidade dos bairros da periferia enquanto a minha mãe preferia a agitação do Centro.

Não se assustem. Não vou contar-vos toda a história das minhas casas, apenas falarei daquelas em que me aconteceram

coisas importantes (ou, como disse o poeta, num rasgo genial de piroscice, «Coisas pequenas para o mundo/mas grandes para mim»<sup>1</sup>). Nasci numa casa (último andar) no cruzamento da rua Justicia com a Nueva Palmira onde, excepcionalmente, vivemos durante três anos. Tenho poucas memórias, a não ser que havia uma clarabóia particularmente barulhenta quando se abria ou fechava, o que não acontecia com frequência porque o puxador, que ficava na parede do pátio, era pesadíssimo e só funcionava com o esforço combinado de duas pessoas suficientemente robustas. Além disso, em dias de chuva o bendito puxador dava uns terríveis coices de corrente eléctrica, de forma que aquela clarabóia só se podia abrir ou fechar quando o tempo estava seco.

Depois, sem sair do bairro, mudámo-nos para a esquina da rua Inca com a rua Lima. Aí, o mais memorável era a casa de banho porque, quando alguém puxava a corrente do autoclismo, a água, em vez de cumprir a sua função higiénica na retrete, saía torrencialmente do remoto depósito encharcando não só o desafortunado utilizador mas também todo o chão de ladrilhos verdes. Depois fomos para a esquina da rua Joaquin Requena com a Miguelete, onde havia mais barulho de rua mas onde o autoclismo funcionava bem e não era imprescindível fazer as necessidades de gabardine e chapéu-de-chuva. Dessa casa, bastante mais modesta do que as anteriores, só merece referência um gira-discos, no qual a minha mãe, quando o meu pai estava ausente, punha um disco de aulas de ginástica que começava sempre com uma voz muito castiça: «Atenção! Preparaaar! Começar!». E a minha mãe, obediente, começava. Eu, que já tinha cinco anos e meio, olhava muito fixamente para ela quando se estendia no chão e levantava as pernas ou quando se punha de cócoras e esticava os braços, nesses momentos era costume cair para um dos lados mas eu pensava que também isso era uma ordem do galego do disco. (Tenho de esclarecer que só muitos anos depois consegui identificar a pronúncia daquele locutor, mais concretamente numa

---

<sup>1</sup> «Cosas chicas para el mundo/pero grandes para mí», versos do poema «La Tamera» do uruguaio Elias Regules (1861-1929). (*N. da T.*)

tarde em que encontrei aquela relíquia de 78 rpm num baú e a voltei a ouvir num gira-discos). De qualquer forma, eu aplaudia-a com convicção e ela, quando acabava a aula, em sinal de reconhecimento pela minha compreensão e estímulo, pegava-me ao colo e dava-me um beijo, mais sonoro mas menos agradável do que outros beijos maternos, já que, como era de prever depois de tanta ginástica, estava incrivelmente suada.

A casa seguinte (ainda mais modesta) situava-se na esquina da rua Hocquart com a Juan Paullier. Ficava apenas a quatro quarteirões da anterior, por isso não foi fácil arranjar um camião que aceitasse fazer uma mudança com um percurso tão pequeno, coisa que o meu pai, com toda a razão, considerava absurda, uma vez que as tarefas de carga e descarga eram as mesmas que seriam se a distância fosse de quinze quilómetros. Por fim, apareceu um camionista que, graças a uma boa gorjeta, se dispôs a fazer uma mudança tão pouco convencional, mas o seu mau humor e o dos seus ajudantes foi tão notório que ninguém se admirou que um dos roupeiros tivesse perdido todos os pés menos um e que um espelho se partisse em duas luas: uma minguante e outra crescente. Na casa nova estávamos um pouco apertados e quase sempre comíamos na cozinha. A melhor parte da casa era o terraço que, aparentemente, comunicava com o do vizinho e onde havia um cão enorme, que me parecia ser feroz e que se tornou o meu primeiro inimigo. Ainda por cima, as raras vezes que subia lá acima, o pobre animal rosnava quase por obrigação, mas assim que percebi que estava preso com uma corrente, decidi, na primeira manifestação de cobardia de que tenho memória, rosnar-lhe também, e, embora a minha exibição fosse apenas uma caricatura, tenho de admitir que não contribuiu para melhorar as nossas deterioradas relações.

Houve mais casas naquela época. Sempre nos mesmos bairros: Nicaragua e Cufre, Constitución e Goes, Porongos e Pedernal. Nessa altura, as mudanças de casa já obedeciam a uma obsessão corporativa. Estas tinham passado da categoria de pesadelo para a categoria de sonho. Cada vez que uma nova casa aparecia no horizonte, passava a ser, com as suas luzes e as suas

sombras, uma utopia, e quando finalmente transpúnhamos a nova porta da entrada, era como se entrássemos no Eliseu. Claro que a fase celestial caducava muito depressa, por exemplo quando um pedaço do céu plano nos caía em cima dos nossos *cappelletti alla carusso* ou quando uma disciplinada frente de baratas invadia a cozinha a marchar ao som dos gritos histéricos da minha mãe. No entanto, o facto de um mito se desvanecer na névoa das nossas frustrações não nos impedia de começarmos todos a colaborar num novo esboço de utopia.